

Eça de Queirós e a Inglaterra uma relação ambivalente

Américo Guerreiro de Sousa

Este artigo resulta da tradução resumida e adaptada de material contido na nossa tese de doutoramento, intitulada *English References in the Fiction of Eça de Queirós* (Universidade de Oxford, 1988).

EÇA DE QUEIRÓS CHEGOU A NEWCASTLE-ON-Tyne, para exercer funções de cônsul, a 30 de Dezembro de 1874. Era a primeira vez que vinha a Inglaterra e as suas impressões iniciais não foram favoráveis. «*Aqui tudo tem spleen*», escreveu ele a Ramalho Ortigão, «*o céu, as almas, as paredes, o lume, os chapéus das mulheres, os discursos dos oradores e os entusiasmos da paixão*»¹. Dez anos depois, agora já em Bristol, continuava a lamentar-se: «*Tudo nesta sociedade me é desagradável — desde a sua estreita maneira de pensar até ao seu indecente modo de cozer os legumes*»². Em outras cartas, escritas ao longo de catorze anos, continua a bater na mesma tecla do desconforto físico e psicológico que lhe causava a vida na Inglaterra.

No entanto, apenas em 1888 fez uma tentativa, aliás logo bem sucedida, para se mudar para outro país. E não um país qualquer, mas a França, Paris. Seria assim tão difícil para um escritor consagrado e um homem célebre, com amigos influentes na política e no *establishment*, encontrar, ao longo desses catorze anos de tédio e legumes mal cozidos, um consulado num país mais interessante que a aborrecida Inglaterra? Ou será de admitir que, como tantas vezes acontece, os desabafos epistolares podem reflectir apenas estados de alma transitórios?

Seja como for, há nos seus escritos desses anos fundamentais na sua evolução como homem e como escritor uma verdade que ele próprio ressaltou: a superioridade cultural e civilizacional da Inglaterra vitoriana sobre qualquer outro país, incluindo a prestigiada França. De notar ainda que a carta a Ramalho foi escrita um mês apenas após a sua chegada a Newcastle, em período de ambientação a uma cidade que, de facto, aceitando a opinião de David Charles Ley, causava «*um spleen tremendo*»³.

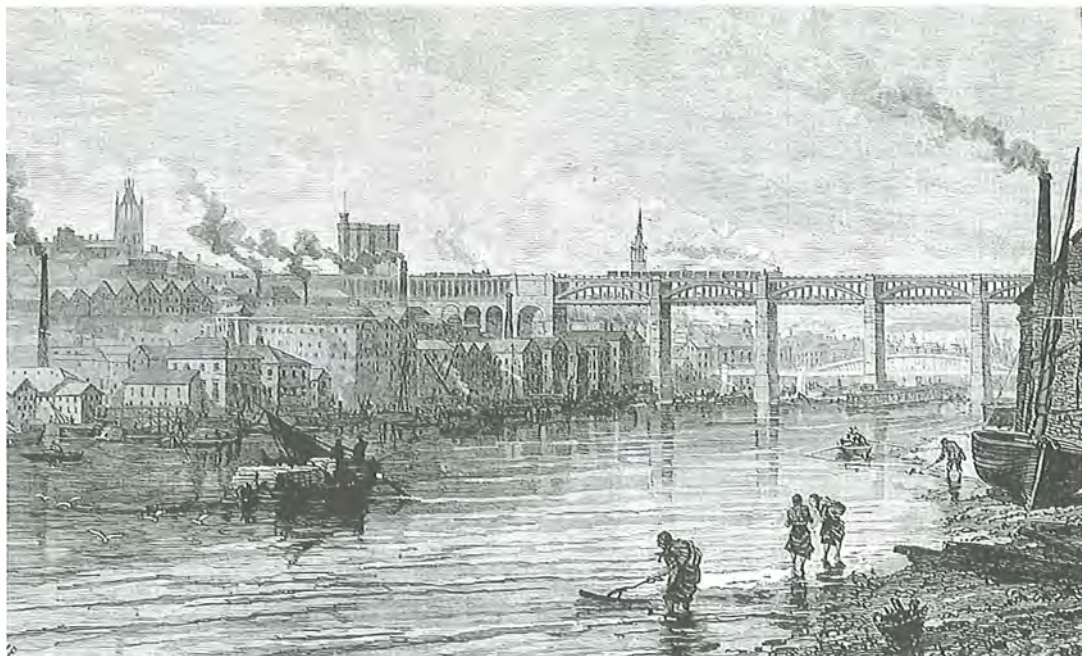
Se queremos usar a correspondência de Eça de Queirós para saber o que pensava de Inglaterra, temos de tomar em devida conta a sua carta a Mariano Pina de 7 de Junho de 1885⁴. Pode ser algo injusta para com a França, mas resume bem o amor-aversão que era a relação de Eça para com a Inglaterra. Detestava o clima, a culinária e alguns aspectos da sua política, especialmente a externa, mas, por outro lado, louvava a sua vida intelectual ao ponto de a considerar talvez a primeira nação pensante do mundo: «*Eu detesto a Inglaterra, mas isso não impede que ela seja, como nação pensante, talvez a primeira. Taine disse a segunda... mas Taine era francês*»⁵.

A carta a Mariano Pina é reforçada pelo artigo «O Francesismo», escrito cerca de 1888⁶ embora publicado postumamente em 1912. Aqui a França é de novo relegada para uma posição de inferioridade relativamente à sua rival, sobretudo em assuntos literários, apesar da tendência portuguesa para imitar a França, por mera ignorância dos melhores modelos, que seriam, mais uma vez, os ingleses. O célebre artigo sugere que o afrancesamento de Eça era à *contre-cœur* e não o impedia de admirar a literatura inglesa, considerada manifestamente superior à da França⁷.

É principalmente a *Cartas de Inglaterra*, *Crónicas de Londres*, *Notas Contemporâneas*, *Correspondência* e outra prosa não-ficcional que devemos recorrer para obter informação directa sobre as opiniões de Eça sobre a Inglaterra e os ingleses. Na ficção propriamente dita, *Os Maias* são o grande repertório da sua visão mais profunda desse país, mas aqui a Inglaterra é idealizada como modelo civilizacional e a visão de Eça, filtrada pela sua criatividade e aprofundada pelos objectivos moralizantes e didácticos do romance, não coincide com a da sua produção mais imediata e pessoal. Nesta os ingleses são des-



<< Eça em Newcastle, 1875.



«Newcastle-on-Tyne: the right level bridge».
Gravura de W.P., c. 1880, in *The Illustrated London News*, 1880, vol. 78, p. 592.
Lisboa, Biblioteca Nacional (J.E. 76 V).

critos como tendo uma inclinação para o alcoolismo e um *hobby* predominante: coleccionar. São bons comerciantes, intelectuais minuciosos e exigentes, turistas xenófobos, ignorando línguas estrangeiras e desdenhando de tudo aquilo que não seja britânico: costumes, vestuário, maneira de pensar. As mulheres tendem para a sensualidade e são por vezes hipócritas e venais — mas não podemos esquecer que Eça tinha, antes do casamento, um preconceito contra praticamente todas as mulheres, só debelado com uma vida conjugal e familiar feliz. Politicamente a Inglaterra era um país imperialista, com esquadras dominando os mares, colónias nos cinco continentes, administradores em toda a parte, missionários em toda a espécie de tribo, e, nos fundos da sua alma expansionista, alimentado o eterno sonho de refazer o Império Romano. A aristocracia inglesa era, para o Eça dessas prosas jorna-

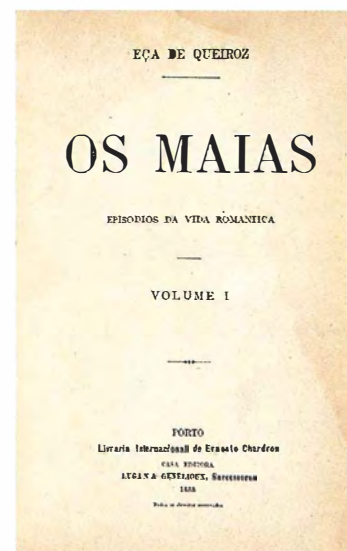
lísticas ou epistolares, a mais orgulhosa do mundo, ao passo que as classes médias eram as mais práticas e utilitárias que jamais tinham conduzido os destinos de uma nação com o instinto do negócio. Quanto à religião, os ingleses eram essencialmente protestantes incapazes de conceber uma ordem possível fora da sua estrita moralidade, sendo os lares ingleses o refúgio das famílias pretensamente mais cristãs do planeta. Quem conheça uma certa América íntima, de raiz anglo-saxónica, não pode deixar de surpreender-se com a semelhança entre a *self-complacency* vitoriana da superpotência de ontem com a *self-complacency* puritana do colosso de hoje...

Era essa, em resumo, a visão que Eça de Queirós tinha da Inglaterra, expressa nos seus escritos não-ficcionais e, em parte e com contradições, na sua correspondência também. A ideia ainda hoje generalizada de que alimen-

tava sentimentos fortemente anti-britânicos advém dessa parte da sua obra.

Mas a dúbia validade documental e a escassa seriedade da contribuição jornalística de Eça foram lamentadas por ele próprio, por exemplo na seguinte passagem de uma carta a Ramalho Ortigão datada de 3 de Novembro de 1877: «*Eu só sei notícias da pátria através da “Actualidade” – uma folha do Norte, onde vomito resíduos de uma prosa torpe – a tanto por coluna*»⁸. A «prosa torpe» eram os seus escritos sobre a Inglaterra, nos quais dava curso à sua tolerância para exagerar e caricaturizar a realidade ao ponto de a tornar irreconhecível, como o prova a sua «Carta de Inglaterra» intitulada *Uma partida feita ao ‘Times’*⁹. Aqui, uma única linha de coluna de jornal, publicada em apenas alguns exemplares do *Times* de 23 de Janeiro de 1882, transformou-se, na sua pena viciada pela *vis comica*, em «*dez ou doze linhas*» francamente obscenas. Tratava-se na realidade apenas de uma frase subrepticamente interpolada no discurso de Sir William Harcourt, um parlamentar da época, que causou algum riso no mundo vitoriano de então, mas nada que justificasse a dimensão épico-burlesca que lhe conferiu Eça no seu artigo.

Em vez de formular análises judiciosas de um povo que tinha tanto qualidades como defeitos, e que ele, no fundo e muito honestamente, admirava, apesar de detestar a sua culinária, o seu *spleen* e as suas tendências imperialistas, Eça de Queirós limitou-se a deleitar, com pena corrida, os seus leitores comuns com superficialidades sobre a Inglaterra e os ingleses, aproveitando, sempre que calhava, para contar a sua anedota, como é o caso da partida realmente feita ao *Times* mas por ele muito exagerada. Eça nunca foi um jornalista sério na acepção profissional do termo, provido de um código ético e um sen-



Os Maias, 1888.

Cruges, Ega e Dâmaso, personagens d'*Os Maias*, segundo Bernardo Marques.

tido de verdade. Mesmo quando exerceu as funções de director e redactor único do *Distrito de Évora*, sentiu-se, mais do que a do jornalista, a veia do ficcionista.

Todavia, encontramos na sua ficção mais amadurecida e pensada uma atitude diferente e uma seriedade maior. Nos seus artigos sobre a Inglaterra abundam os *clichés*, e os eventos que extraiu da realidade e da imprensa eram por vezes caricaturizados e exagerados até à distorção. Isto acontecia por duas razões: porque Eça de Queirós tinha uma tendência natural para produzir efeitos literários em vez de se limitar a relatar factos com rigor, e porque o seu objectivo confesso com os seus artigos sobre a Inglaterra era bastante superficial – entreter os leitores do jornal português *Actualidade* e do periódico brasileiro *Gazeta de Notícias*.

É n'Os *Maias* que se irá encontrar uma Inglaterra idealizada, apontada como modelo a imitar por um Portugal tornado entretanto incaracterístico e subserviente de uma França que, a ver bem, só albergava e reexportava *snobs* empertigados (Dâmaso), cozinheiros (Theodore ou Antoine) *rastaquouères* (Castro Gomes) e, por mais «divinas» e esculturais que fossem, *kept women* (Maria Eduarda), enquanto da Inglaterra nos vinham os *gentlemen* (Craft), os anglicisados com nobreza e estatura moral (Afonso) e, entre outras instituições consideradas exemplares, o modelo educacional escolhido para Carlos.

Nesta perspectiva, *Os Maias* podem ser vistos como a realização ficcional do célebre artigo «O Francesismo», que Eça não chegou a publicar em vida mas a que deu forma artística no seu melhor romance. A sua atitude para com a Inglaterra era de facto ambivalente: louvava as suas virtudes como nação poderosa e de forte carácter, mas tinha palavras duras e amargas para com as suas perfídias, sobretudo no domínio da política externa, e os defeitos e ridículos que via no seu povo. A sua atitude para com Portugal não era, afinal, muito diferente – uma relação de conflito, como se tem quando se ama mas se não pode deixar de ser justo e crítico.

Pode-se assim concluir que a atitude de Eça de Queirós para com a Inglaterra e os ingleses, tal como observada nas suas obras consideradas não-ficcionais, é tendencialmente negativa, mas feita de generalizações, lugares comuns e exageros. É preciso recorrer à sua ficção séria e ler sobretudo *Os Maias* para se descobrir que, afinal, existia nele uma admiração profunda pelo «país mais sensato, mais liberal, mais moderno, mais activo do mundo»¹⁰, como ele próprio admitiu em dia de confissão – um país cujo povo e instituições o fascinavam tanto como a França, se

não mais ainda, e que acabou por conhecer bem, como o parece provar um manuscrito quase desconhecido a que podemos chamar *A Vida Inglesa*.

A Vida Inglesa

Que a Inglaterra foi para Eça de Queirós um tema de grande preocupação, e objecto possível de um livro que teria pretendido escrever mas que, se alguma vez existiu, nunca foi encontrado, pode verificar-se num manuscrito muito curioso existente na Biblioteca Nacional de Lisboa com a referência ESP E 1/268¹¹. As suas doze páginas revelam o interesse de Eça pela Inglaterra e depreende-se que também o seu conhecimento íntimo desse país, caso contrário não se vê como teria sequer a ideia de planear uma tal obra. Escrito na caligrafia assaz perceptível que Eça usava normalmente nas suas cartas, em contraste com a letra apressada das notas que acabaram por servir à composição d'*O Egípto* ou a caligrafia rápida de tantas passagens quase ilegíveis de outros manuscritos, parece ser de facto o plano de um livro na linha de um *John Bull* de Ramalho Ortigão ou de uma *Inglaterra de Hoje* de Oliveira Martins.

A única referência a essa obra hipotética encontra-se numa carta a Oliveira Martins datada de Paris, 17 de Abril de 1893, significativamente o ano da publicação da *Inglaterra de Hoje*: «Ainda depois eu sustentei com calor, a respeito da Inglaterra de Hoje, que tu não tinhas autoridade alguma para escrever um livro sobre a Inglaterra, e que só eu a tinha!»¹².

Não são conhecidos quaisquer elementos que permitam extrair conclusões seguras sobre o objectivo desse manuscrito, mas a letra relativamente cuidada sugere uma intenção clara em fixar o plano duma obra que poderia estar até já delineada, ao menos na mente de Eça, para não dizer numa das

[illegible]

at baça =

Força física
Elegance, oratória, ação
Bella Sa. p. m. m.
O aristocrata
O Nordeste
O ecossistema
O intelectual
Intelecto e intuição, ação
Incompreensibilidade

A ser levado a cabo, este plano de Eça de Queirós dar-nos-ia um panorama bem interessante da Inglaterra vitoriana vista pelo seu olhar irónico.

¹² *Correspondência*, vol. 2, p. 255, destaque do autor.

Páginas do manuscrito de Eça de Queirós
com apontamentos sobre a vida inglesa:
«Factos, ideias, impressões, anedoctas».
Lisboa, Biblioteca Nacional (espólios: ESP E 1/268).

⁴ *Correspondência*, vol. 1, pp. 258-261.

Factos, ideas, impressões, anedoctas

O paiz	===== Paisagem Clima Cidades	Vida social	===== <i>Country-Houses</i> <i>Season</i> Jantares, bailes, <i>garden-parties</i> Influencia da Corte, dos principes, dos Lordes <i>Snobismo</i> <i>Struggle for society</i> O Luxo Os clubs <i>Dandies</i> <i>Professional beauties</i> <i>Holiday-travelling</i>	Vida Phisica	===== Sports, sua influência <i>Hunting</i> , sua organização <i>Yachting</i> <i>Lawn-Tennis</i> , etc. Coristas A vida de <i>sport</i>
A raça	===== Força phisica Higiена, exercicio, aceio Belleza das mulheres O aristocrata <i>O Rough</i> Os escoceses Os irlandeses Ingleses e irlandeses, sua incompatibilidade			Vida material	===== Hotéis Restaurantes <i>Lodgings</i> A creada do <i>lodging</i>
Vida intima	===== As creanças Adoração do Baby O amor, como se casa O casamento, a familia O interior: mobílias comida toilette Vida domestica, relações domesticas, amor domestico Os animais na familia O Adulterio Divorcio <i>Kept women</i>	Vida Religiosa	===== O Sentimento religioso <i>A Biblia, tracts</i> As Igrejas protestantes O Papa de Canterbury Ritualistas <i>Salvation army</i> Pregadores	Vida viciosa	===== Embriaguez Os bars <i>Barmaids</i> Prostituição Jogo
		Vida intellectual	= A litteratura Os poetas Romancistas As Romancistas Dramaturgos e dramas Historia d'um philosopho —: Carlyle Jornaes e jornalistas Revistas Instituições scientificas	Sentimentos	===== Patriotismo Odio ao estrangeiro Ingleses e americanos Caridade
Vida publica	===== As escolas publicas As universidades Escolha d'uma carreira Commerciantes Medicos Homens de lei O Exercito A marinha Os politicos	Vida Artista	===== Pintura e pintores Esculptura <i>O Salão</i> Os estheticos A musica, a musica d'egreja e de theatro Os musicos As colecções particulares	Maneiras	===== O ideal é ser gentleman <i>Stiffness (sic: obviously</i> <i>stiffness)</i> <i>Pruderie</i> Hypocrisia Brutalidade das classes baixas Relações com estrangeiros
				Funções Sociais	= A Rainha Os principes <i>Lorde-maire (sic)</i> de Londres
				Mechanismos	
				Sociais	===== O trabalho As fabricas Os Bancos O credito